

## História e audiovisual: filme “Coração Valente” (1995), de Mel Gibson

### History and movie: "Braveheart" (1995), by Mel Gibson

Rodrigo Barbosa Schiavinato<sup>1</sup>

**Resumo:** o seguinte trabalho analisou aspectos cinematográficos e históricos do filme “Coração Valente” (1995), de Mel Gibson. A película hollywoodiana, inserida no gênero “épico”, trouxe questões políticas atuais obtendo enquanto fundo histórico o processo de independência do reino da Escócia perante a Inglaterra nos limiares do século XIV. Ideias como soberania, liberdade e autodeterminação dos povos transcenderam o medievo e ganharam contornos modernos no roteiro de “Coração Valente”, tornando o filme um instrumento de propaganda patriótico. Foram analisados os fatos históricos observáveis no enredo, demonstrados de forma seletiva e superficial, caracterizando uma obra de viés romantizada e com objetivos políticos claros.

**Palavras-chave:** Cinema e História; Idade Média; Gênero Épico; História Cultural.

**Abstract:** this article examined cinematographic and historical precepts at Mel Gibson movie, Braveheart (1995). The Hollywood film, insert at the epic genre, presented the current politic facts getting as historical context the independence of Scotland kingdom towards England, in the middle age. Ideas as freedom, sovereignty and people self-determination acquired a modern written in the Braveheart, turning the film into a propaganda tool. The historical facts observable in the plot were analyzed, demonstrated a selective and superficial way, featuring a work of romanticized bias and with clear political goals.

**Keywords:** Film and History; Middle Ages; Epic genre; Cultural history.

O filme “Coração Valente” (Braveheart) do diretor Mel Gibson e do roteirista Randall Wallace foi, neste trabalho, analisado em seus principais aspectos historiográficos e fílmicos. A produção, capitalizada pela Paramount Pictures, ocorreu no ano de 1995 nos Estados Unidos e conquistou, dentre diversos prêmios da academia cinematográfica,<sup>2</sup> o Oscar de melhor filme no ano de 1996, fator relevante pela sua

---

<sup>1</sup>Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2008). Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (2011) pela linha de pesquisa Cultura e Poder, sob orientação da Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (2016), sob orientação da Professora Doutora Fátima Regina Fernandes. Realiza pesquisas sobre a Baixa Idade Média na Península Ibérica, com ênfase nas análises crônicas portuguesas e castelhanas, Cortes, Chancelarias e Ordenações. Áreas de interesse: História Política, História das Ideias, História das Instituições. Email: rodrigo.schiavinato@outlook.com

<sup>2</sup>Vencedor do Oscar de 1996 nas categorias: Melhor filme; melhor diretor (Mel Gibson); melhor edição de som; melhor fotografia; melhor maquiagem. Vencedor do Globo de Ouro de 1996 nas categorias:

ampla divulgação e recepção do público consumidor de cinema, este responsável pelas altas cifras que a produção arrecadou. Portanto, a obracaracterizou-se como um produto de consumo e grande aceitação popular. Buscamos, neste sentido, a aproximação entre História e audiovisual utilizando enquanto fonte uma película de viés comercial produzida com o intuito de alcançar o maior número de espectadores, mas sem renunciar a aspectos históricos voltados para o gênero épico.

O uso do cinema enquanto fonte (BARROS, 2011, p. 184)<sup>3</sup> histórica significa a compreensão de uma mídia que possui linguagem própria, subordinada a técnicas cinematográficas diretamente proporcionais às condições de produção de seu contexto, como a tecnologia disponível, orçamento, patrocínio, especificidade e competência das pessoas envolvidas na produção. O cinema é uma fonte histórica cuja problematização define-se no momento de sua produção de modo a demonstrar a maneira em que o conteúdo retratado foi apresentado. Partindo desta premissa, ressalte-se ainda que a fonte cinematográfica retrata aspectos do imaginário, visões de mundo, ideologias, comportamentos, hábitos, vestuários, linguagens e hierarquias sociais da sociedade que a produziu. (BARROS, 2011, p. 181)

As imagens construídas em seus preceitos cinematográficos demonstram mais informações sobre o seu mentor do que sobre o conteúdo retratado e as temáticas representadas. Obras artísticas transmitem o olhar de seu produtor em relação aos assuntos construídos. Obstante, os resultados destas visões adaptam-se às estéticas escolhidas para a transmissão das informações, no caso específico analisado neste trabalho, o cinema. Todo produto cultural possui um estatuto regulamentado em que são verificadas redes de relações pessoais, privilégios, hierarquias e honras. Desta maneira, a sociedade recebe estas construções de acordo com a própria representação

---

Melhor diretor (Mel Gibson). Vencedor do BAFTA de 1996 nas categorias: Melhor fotografia; melhor som; melhor vestuário. Vencedor do MTV Movie Awards de 1996 nas categorias: Melhor sequência. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Braveheart>.

<sup>3</sup>BARROS, José D'Assunção. **Cinema e História: considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas**. Comunicação e Sociedade, ano 32, n. 55, p. 175 – 202. 2011, p. 184. “no que se refere às fontes primárias para o estudo da história do cinema, ou então da história através do cinema, a primeira a se considerar é o próprio filme, o produto final da arte cinematográfica. Neste sentido, um ponto de partida metodológico para examinar sistematicamente a relação entre cinema e história deve vir ancorado na compreensão de que o filme – pretenda ele ser imagem ou não da realidade, e enquadre-se dentro de um dos gêneros documentários ou dentro de um dos gêneros de ficção – é em todos estes casos *história*. Não importa se o filme pretende ser um retrato, uma intriga autêntica, ou pura invenção, sempre ele estará sendo produzido dentro da história e sujeito às dimensões sociais e culturais que decorrem dela”.

cultural que faz de si e confere sentido às mesmas conforme suas específicas categorias mentais. (FERRO, 2010, p. 12 – 19)<sup>4</sup>

A produção cinematográfica demonstra a visão de quem a produziu, uma expressão artística conectada a técnicas de filmagem e interpretação que emitem sentidos estéticos de acordo com os objetivos do diretor. Uma produção de fundo historiográfico, nestas condições, pode ter em sua essência o objetivo de passar ao espectador configurações mais relacionadas ao estilo técnico do que ao conteúdo histórico, fator este que não pode ser renegado nas análises fílmicas da história e históricas do filme. Portanto, o filme histórico se torna uma experiência estética que contém elementos ideológicos e políticos, imbricação subordinada às opções das múltiplas pessoas envolvidas na confecção da obra.

Há, ainda, as relações de mercado que permeiam a produção do filme, detectável por sua abrangência junto ao público, levando o historiador a considerar não apenas os aspectos culturais e técnicos de produção, mas também os aspectos de recepção. (FERREIRA, p. 504)O cinema de massas, apesar de ser um produto fruto da criação artística de seu produtor, é uma mídia voltada para o consumo, de modo que sua receptividade pode revelar os anseios e demandas do público que o compra, além de uma série de medidas propagandísticas auferidas pelos grandes estúdios que seguem os preceitos mercadológicos da indústria cultural, complexo que envolve todas as esferas direta ou indiretamente envolvidas na distribuição do produto final.

“Coração Valente” insere-se em contexto de relativo renascimento das superproduções históricas hollywoodianas, fator proporcionado pelo barateamento destes produtos devido às novas tecnologias audiovisuais do período. A obra, cujo conteúdo se encontra nas fronteiras do gênero épico, possui sua abordagem caracterizada pelo heroísmo e bravura de personagens individuais que representam os preceitos morais e éticos de sua época e local de produção, os Estados Unidos da década de 1990. Filmes épicos inter-relacionam o heroísmo com a questão do amor e enfocam nos personagens que tem o poder de mudar os cursos das suas trajetórias a partir de

---

<sup>4</sup>FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad: Flávia Nascimento. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010, p. 12-19. “(...) uma figura de escrita ou um estilo permanecem ativos ou se tornam ultrapassados, caem nas graças desse ou daquele público que, ele próprio, também muda. O mesmo se passa como conteúdo e a significação de uma obra. Esta pode ser lida de maneira diferente e mesmo inversa, em dois momentos da história”.

iniciativas individuais. Por outro lado, os fatos históricos deste gênero estão mais condicionados às opções do diretor do que à verdade historiográfica/documental. Nestas produções, a História é utilizada como pano de fundo e decoração estética/ideológica para as narrativas retratadas.

São apresentados modelos heroicos e patrióticos com o intuito de glorificar os sacrifícios individuais em prol de uma coletividade maior, o bem comum. Para Johnni Langer, o objetivo destes filmes são criar no telespectador o sentimento patriótico, de amor ao próprio país e às instituições que o formam. (LANGER, 2004, p. 07) Observamos, portanto, a História voltada para um objetivo cívico e moral, ideológico, de reforço a preceitos éticos já estabelecidos ou ainda por estabelecer. (GÓES, 2003, p. 68)<sup>5</sup> Para Marc Ferro, apesar dos enredos constituírem escolhas arbitrárias dos produtores, exaltando princípios pessoais artísticos enquanto prioridade erelegando a segundo plano a verdade historiográfica, a moral estabelecida deve triunfar ao final da película a todo custo. (FERRO, 2010, p. 18)

Outra questão a ser considerada pelo gênero épico em que “Coração Valente” se insere decorre do caráter colossal do filme pautado em grandes produções e efeitos especiais. São produtos que resultam de uma indústria voltada para o divertimento popular e utilizam-se do mais alto nível de tecnologia existente em seu momento de produção. O gênero épico produzido pelo cinema estadunidense/hollywoodiano possui primordialmente o objetivo de entretenimento e espetáculo, ambos centrados em tramas em que o amor, a ação e a violência se tornam a base da narrativa sob um fundo histórico (filtrado por uma ideologia) identificável pelo telespectador. (ANTONIO BARRIO, 2008, p. 433 – 434)

Para Antonio Barrio, filmes inseridos em gêneros definidos foram característicos dos EUA ao longo do século XX, pois houve exportação de seus produtos pelos principais estúdios a partir do momento em que o cinema se tornou um grande complexo industrial devido ao fator conjuntural das produções, de modo geral, serem

---

<sup>5</sup>GÓES, Laércio Torres de. **O Mito Cristão no Cinema**. Salvador: Edufba – Edusc, 2003, p. 68. “Qualquer filme está impregnado por um estatuto que o define moralmente. O cineasta está sujeito a diversos tabus que restringem sua expressão, podendo chegar a proibi-lo a tratar de algum tema. A narratividade pode ser separada (...) em dois planos: a história narrada (plano dos acontecimentos e seu entrosamento) e a narração (plano do discurso narrativo). O primeiro tem a sua moralidade própria expressada no encadeamento dos acontecimentos da narrativa e no seu resultado final; e o segundo, que leva em consideração esta história, moraliza-a ou não em um segundo grau”.

voltadas para o consumo de massas. Criou-se um estilo estético relacionado a cada gênero. Deste modo, um gênero cinematográfico pauta-se pelas repetições de preceitos compositivos, temáticas e personagens, além de técnicas de filmagem que possuem o objetivo de transpassar sensações aos telespectadores de acordo com o estilo previamente determinado. (ANTONIO BARRIO, 2008, p. 430)

“Coração Valente”, além de ser uma narrativa inserida no gênero épico, é um filme histórico, que versa sobre o período medieval, o que, para Antonio Barrio, o caracteriza enquanto uma produção que retrata um passado identificável em relação à contemporaneidade de sua produção. Porém, apenas possuir um cenário de época não define o que vem a ser um filme histórico, pois a trama também precisa apresentar um sentido historiográfico, além de detalhes e indicações que remetem a fatos da História. Este tipo de filme transita entre a descrição de uma pequena parte do passado e a sua interpretação pelo diretor. É uma construção em que perpassam ambiente, vestuário, mobiliário, arquitetura e linguagem, esferas construídas de forma narrativa e que mantém a independência literária de seu criador. (ANTONIO BARRIO, 2008, p. 431 – 432) Inserem-se nesta caracterização as obras de reconstrução histórica, as biografias, as ficções historiográficas e as adaptações literárias com fundo histórico. (LANGER, 2004, p. 04)

Além de filme histórico e épico, “Coração Valente” nos traz elementos ainda mais específicos de análise. Para Juan Antonio Barrio, o filme medieval situa-se no clássico recorte determinado pela historiografia tradicional que se passa entre os séculos V ao XV, da queda do Império Romano do Ocidente à queda do Império Romano do Oriente. Em termos espaciais, estas produções inserem-se, em sua maioria, na área da Europa cristã. O cinema hollywoodiano, ao retratar o medieval, privilegia ainda a Inglaterra enquanto seu local de excelência, uma forma de colocar no passado inglês uma Idade Média que os Estados Unidos não possuem. No filme “Coração Valente”, a Escócia, localidade que pertence à Grã-Bretanha, transparece enquanto área de importância anexa para o cinema estadunidense pelas suas origens normandas e sua proximidade cultural com a Inglaterra. Por outro lado, o mundo islâmico e oriental, quando apresentados, são retratados enquanto universo exótico, sensual e misterioso,

quando não representados enquanto inimigos “da vez” das principais potências contemporâneas. (ANTONIO BARRIO, 2004, p. 437)<sup>6</sup>

Em “Coração Valente”, a trama envolvendo o mito de Willian Wallace retrata uma Escócia em época de transição, uma sociedade prestes a passar dos costumes celtas locais a uma realidade pautada no feudalismo. O período caracterizou-se por profunda crise política provocada por problemas sucessórios. Em 1286, o rei escocês Alexandre III, no poder desde 1249, morreu sem deixar descendência masculina. O trono foi, portanto, deixado a sua neta, Margarita da Noruega (na época, com três anos de idade), filha do rei norueguês Erico II (1280 – 1299), (HUGHES, 1999, p. 251)<sup>7</sup> da Casa de Dunkeld. Porém, a princesa morreu em 1290. Margarita da Noruega fazia parte das pretensões políticas do rei da Inglaterra Eduardo I (1272 – 1307). Pertencente à Dinastia Plantageneta, o monarca inglês possuía a estratégia matrimonial de casar a princesa com o seu filho, o príncipe Eduardo, fator responsável por óbvias implicações na política escocesa, pois a sua rainha estaria casada com o futuro rei do reino da Inglaterra, Eduardo II (1307 – 1327). Estas estratégias eram características do período, de modo que os casamentos entre a nobreza configuravam um importante instrumento político e diplomático. (HUGHES, 1999, p. 251)

Neste vácuo de poder na Escócia ocasionado pelo fim da dinastia Canmore, surgiram candidatos ao trono descendentes da linhagem de David, conde de Huntingdone rei entre 1124 a 1153. Dentre os competidores, emergiu a figura de Robert Bruce, nobre que possuía o apoio dos sete condes escoceses que, por sua vez, eram aliados ao rei da Inglaterra Eduardo I. Porém, havia outro forte pretendente ao poder que se chamava Balliol, representante da nobreza que compunha o quadro de regência. No ano de 1292, Balliol se proclamou rei da Escócia. Em 1295, a Escócia estabeleceu um pacto de ajuda mútua com a França, reino inimigo da Inglaterra e governado pelo rei Filipe IV (1285 – 1314), da Dinastia dos Capetos, o que provocou invasão às terras escocesas por parte de Eduardo I no ano de 1296, saqueando cidades, plantações e destituindo Balliol do poder. (HUGHES, 1999, p. 254)

---

<sup>6</sup>Em contrapartida, o filme “Cruzadas” (2005), épico hollywoodiano que também retratou o período medieval, relatou uma imagem positiva dos muçulmanos em comparação aos Cavaleiros Templários, principal força cristã do enredo.

<sup>7</sup>As datas entre parêntesis referentes aos reis significam o período de reinado.

Segundo Brian Hughes, o comportamento da nobreza escocesa era ambíguo. Muitos possuíam descendência anglo-normanda, como o pretendente Robert Bruce, enquanto outros possuíam laços familiares com a realeza inglesa. Ramificações da nobreza escocesa possuíam ainda terras e títulos no reino da Inglaterra e temiam a perda dos privilégios caso se envolvessem em conflito com Eduardo I. Outro fator a dificultar a adesão destes nobres pela “causa” escocesa deveu-se aos compromissos de vassalagem ao rei da Inglaterra. (HUGHES, 1999, p. 254) Esta ambiguidade foi comportamento conjuntural das nobrezas deste período. Os laços familiares e a busca de interesses frente ao rei sobressaiam-se aos sentimentos patrióticos e nacionais. Entre as classes nobiliárquicas, o sentimento de pertencimento a um grupo era predominante. O principal fator em suas estratégias políticas decorria do apoio aos segmentos aliados ou de oposição ao monarca no intuito da defesa de seus próprios interesses, terras e cargos militares ou administrativos. Os reis, por sua vez, procuravam garantir privilégios e títulos aos nobres quando lhes convinha. No período, o poder das monarquias foi marcado por uma centralização política cada vez maior em detrimento ao enfraquecimento das nobrezas estrangeiras ou terra tenentes.

William Wallace, personagem principal do filme, era proveniente do grupo dos mercadores, estes que habitavam os burgos, instâncias importantes na Escócia pela função relativa às finanças, à administração e ao ofício da justiça, esfera que possuía independência em relação ao reino da Inglaterra. Um grupo de caráter urbano e que possuía negócios com indivíduos estrangeiros ao reino, sobretudo, os germânicos. Os mercadores eram possuidores de grande experiência administrativa e comercial, além de estarem em constante contato com pessoas provenientes de outros reinos. William Wallace, nomeado “guardião da Escócia” no ano de 1297, era líder militar e possuía prestígio entre os camponeses e os pequenos cavaleiros do reino. Em relação aos principais grupos da nobreza terra tenente, a popularidade de William Wallace divergia. Apesar do sentimento de nação que povoava o imaginário daquele povo graças aos séculos de independência frente ao reino da Inglaterra, a classe nobiliárquica e suas ramificações mais próximas não estavam dispostas a abraçar a causa dos revoltosos e defensores da autonomia do reino. Após a derrota militar em Falkirk no ano de 1298, batalha em que o exército inglês derrotou os soldados escoceses, William Wallace se exilou na França, reino inimigo da Inglaterra e aliado da Escócia. O exílio durou até o

ano de 1305, data em que o líder militar escocês foi capturado pela Inglaterra e morto. (LOYN, 1997)

O filme “Coração Valente” retrata a figura de personagens como William Wallace, Eduardo I e Eduardo II, de acordo com o conteúdo literário sobre o período produzido posteriormente. No enredo, Eduardo I aparece como um rei cruel e impiedoso, além de grande estrategista militar e hábil político. O mesmo conduziu o exército inglês à vitória de Falkirk, obtendo o apoio da nobreza escocesa ao doar títulos e terras a seus principais nomes. Por conseguinte, seu filho é retratado como fraco, débil, afeminado, administrador incompetente e pífio líder militar, um príncipe apenas interessado nas festas da Corte e nas intrigas palacianas. Sua esposa, Isabel da França, filha do rei Filipe IV, manifesta-se como amante do personagem William Wallace. Pela historiografia tradicional inglesa, Isabel da França aparece como a responsável pela queda de Eduardo II do poder.

Para Brian Hughes, a figura débil de Eduardo II foi influenciada pelo Ricardo II de William Shakespeare. Seu contraponto em “Coração Valente” foi a personalidade de William Wallace, representante de um modelo viril, heroico, militar, guerreiro e patriótico. Enquanto Eduardo II teve o privilégio de nascimento de pertencer a nobreza e ser o herdeiro de um rei, William Wallace emergiu do povo e ascendeu pela livre iniciativa individual. Estes estereótipos acerca dos três personagens principais fazem parte da tradição romanceada de lendas escocesas e inglesas, retratada em canções, poemas, peças e obras literárias. (HUGHES, 1999, p. 260-261)

Apesar do conteúdo anglo do filme de defesa explícita de temas relacionados à sociedade estadunidense, como o patriotismo, a liberdade e a união da coletividade frente a um inimigo em comum, percebemos que estes elementos também aparecem nas fontes escocesas do período. O sentimento do reino da Escócia frente à Inglaterra entre o grupo dirigente e o imaginário popular era o da defesa de um conceito de liberdade específico e que diferia dos modelos contemporâneos iluministas. A liberdade defendida pelos escoceses estava relacionada ao desejo de independência, uma liberdade assentada no princípio de soberania, pois em 1320, o rei Robert Bruce (1306 – 1329) enviou ao papa João XXII (1316 – 1334)<sup>8</sup> uma carta reforçando o status de reino independente da

---

<sup>8</sup> Período do Pontificado.

Escócia, condição alcançada após vitória em 1314 na batalha de Bannockburn. (HUGHES, 1999, p. 258)

A ideia de soberania no medievo nasceu dos embates entre o crescente poder dos reis e os modelos hierocráticos de subordinação dos monarcas aos ordenamentos produzidos pela Igreja. No ano de 1324, Marsílio de Pádua, partidário do imperador Luís da Baviera contra João XXII, publicou “Defensor Pacis”, obra que, no campo das ideias, separou as esferas laica e espiritual. O poder laico seria independente do poder sagrado representado pelo papado. Os reis, reforçados no Direito e na concepção de centralização frente às nobrezas que exerciam poderes locais, passaram a se proclamar imperadores no próprio reino, com relativa autonomia em relação aos ofícios papais, porém, seguindo modelos cristãos de conduta e governabilidade, estes circunscritos nos “espelhos de príncipes”, tratados doutrinários voltados especificamente à moral do soberano. (SOUZA e BARBOSA, 1997)

Em termos historiográficos, o enredo presente em “Coração Valente”, de início, estabelece uma clara oposição entre a história praticada pelos historiadores e os mitos oficiais. A voz em “off” no início da película revela que a história feita pelos acadêmicos está em discordância com a realidade, enquanto o correto seria aquela fundamentada nas lendas de William Wallace. Apesar desta posição se apresentar de forma explícita pelo diretor da narrativa, este embate é característico dos filmes históricos. Para Marc Ferro, o conteúdo representado pelas imagens (telejornal, documentário ou ficção) parece terrivelmente verdadeiro. A realidade demonstrada pelos meios audiovisuais, na atualidade, tem o poder de contestar os discursos e os textos escritos. (FERRO, 2010, p. 31 – 53)<sup>9</sup>“Coração Valente”, antes de reafirmar uma concepção historiográfica e acadêmica sobre a história escocesa, acusa a inutilidade dos trabalhos científicos produzidos sobre o período ao desmerecer (ou deixar transparecer o desmerecimento) toda a contribuição dos historiadores sobre os fatos que o filme retrata. Pelo discurso fílmico, o mito sobressai sobre a historiografia.

---

<sup>9</sup>FERRO, Marc. Op. Cit.p. 31 – 53. “Aquilo que nem sempre é muito evidente quando se escreve um livro aparece imediatamente durante a realização de um filme (...) a oposição flagrante entre a História dos historiadores e a História considerada como conservadora e como patrimônio de uma sociedade (...) a realização de um filme coloca de maneira imperativa o problema do gênero a ser adotado e do ponto a ser escolhido para tratar tal ou tal problema”.

Portanto, elementos demonstrados pela narrativa como pátria e liberdade, apesar de citadas em fontes medievais inglesas e escocesas, em “Coração Valente” possuem significados contemporâneos. O mito do herói William Wallace presente no imaginário escocês foi adaptado pela ideologia partidária conservadora presente na sociedade dos Estados Unidos. Os conceitos no qual o filme trabalha remonta aos ideais republicanos estadunidenses construídos no período de suas lutas pela independência no século XVIII e que povoam o imaginário atual. As batalhas travadas pela independência dos Estados Unidos neste período se deram contra os ingleses, a exemplo dos escoceses liderados por William Wallace na produção de Mel Gibson.

Neste entrelaçamento entre mito e ideologia, “Coração Valente” trouxe a ideia de aproximação do personagem William Wallace à aura e destino de Jesus Cristo. Ambos os personagens sofreram, foram traídos, presos, condenados, torturados e mortos, verdadeiros mártires de causas que ganharam força após suas quedas, fosse o fortalecimento do cristianismo no período do Império Romano, fosse o reforço do sentimento patriótico, retratado no filme, de escoceses em suas lutas na conquistada independência frente à Inglaterra.

A ideia de justiça presente em William Wallace, personagem que se transformou no super-herói que iniciou sua luta contra a Inglaterra após a morte de sua esposa por um oficial inglês, também está carregada por princípios cristãos, entre eles o sacrifício, a redenção e a renúncia, preceitos largamente utilizados pelo cinema estadunidense. A existência do personagem principal de “Coração Valente” foi modificada após sua iniciativa em combater os responsáveis pela morte de sua amada, ideia de vingança amparada na justiça, culminando no movimento de independência do reino da Escócia. William Wallace representou na terra o herói mundano que age conforme as especificidades de seu meio e possui as ações ancoradas na moralidade de seu contexto. Desta forma, os excessos são sempre justificados pelas circunstâncias do filme. (GÓES, 2003, p. 61 – 63)

Para finalizar, trouxemos neste texto elementos estereotipados e amparados em mitos presentes no filme “Coração Valente” com o desígnio de levantar reflexões para futuros debates e trabalhos. Questões suscitadas pelo enredo do filme como justiça, pátria, liberdade, bravura, heroísmo e amor foram construídas ideologicamente a partir

de demandas recorrentes e importantes no momento de produção da obra e utilizaram a história escocesa do medievo como seu local de excelência. “Coração Valente” é um filme cuja reconstrução histórica, devidamente inserida no gênero épico, nos permite indagar sobre o que poderia ser considerado um bom filme historiográfico em seus aspectos estéticos e intelectuais. O cinema pode ser trabalhado pela História nestas múltiplas abordagens e metodologias, ora analisando-se os marcadores históricos do filme, ora analisando as configurações fílmicas da história.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIO BARRIO, Juan. **La Edad Media en el cine de Estados Unidos**. Imago Temporis, n. 2, p. 426 – 251. Lleida, 2008.
- BARROS, José D`Assunção. **Cinema e História: considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas**. Comunicação e Sociedade, ano 32, n. 55, p. 175 – 202. 2011.
- FERREIRA, Letícia Schneider. **Cinema e Idade Média: A representação do feminino medieval nos filmes “Rei Arthur” (2004) e “Tristão e Isolda” (2006)**. AEDOS, p. 503 – 510. Porto Alegre.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad: Flávia Nascimento. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.
- GÓES, Laércio Torres de. **O Mito Cristão no Cinema**. Salvador: Edufba – Edusc, 2003.
- HUGHES, Brian. De Wallace a Braveheart: antecedentes históricos de un mito. In. UROZ, José. **Historia y Cine**. Ed. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante. p. 244 – 267. 1999.
- LANGER, Johnni. **Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos**. Revista História Hoje, n. 5, p. 1 – 13. São Paulo, 2004.
- LOYN, H. R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1997.
- SOUZA, José Antônio e BARBOSA, João Morais. **O Reino de Deus e o Reino dos Homens: As relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)**. Porto Alegre: Edipuc, 1997.